



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

A memória de Brasília

Brasília tem história viva a cada esquina. Sim, esquina. Essa voltinha que há no encontro de duas vias é o que chamo de esquina. E viva porque tem muitos de seus pioneiros respirando o ar fresco do que plantaram décadas atrás. “Plantei e estou colhendo”, me contou dona Alaíde, com as mãos cheias de acerolas vermelhinhas

colhidas do pé. Estava passeando pela quadra, talvez o primeiro passeio desde que a caçula veio ao mundo, e tentava me desligar dos pensamentos sobre as tarefas que se acumulavam na casa.

Paciência para lidar com a mais velha, que queria a todo o tempo empurrar o carrinho da irmã, e serenidade para aproveitar os momentos ao ar livre. Tentava focar nessas duas metas e, de tanto pensar, claro, só consegui as atingir pela metade. Mas quando a gente se permite abrir o olhar e não cegar para o mundo à nossa volta, as coisas acontecem naturalmente, com o perdão do que pode parecer um trocadilho.

Uma das primeiras moradoras da

quadra da Asa Sul, dona Alaíde também viu crescer as raízes do Flamboyant semeado há tanto tempo. Distraída, não perguntei muitos detalhes. A bem da verdade, ela quem puxou papo comigo, que estava ali observando as coisas ao lado das meninas.

Durante os breves minutos que conversamos, ao longo de nossos respectivos passeios matinais, ela me contou que o marido, que partiu há 15 anos, ajudou a plantar algumas das mangueiras da quadra. Essas da qual minha primogênita colhe manga do pé para o lanche da tarde. “Dez mangas, mamãe!” E assim ela aprende a se alimentar melhor, a conviver e a respeitar os espaços coletivos,

a interagir com todos, com pets, bichos nativos e a curtir a beleza das plantas.

Esses são alguns dos privilégios que os passeios numa das áreas mais nobres da cidade modelo permitem viver. Ainda não me encontrei novamente com dona Alaíde, mas aquele papo de vizinhas me fez refletir sobre a oportunidade que temos de esbarrar — no sentido mais banal e carinhoso da palavra — com pessoas que fizeram a história de Brasília, e me lembrar da importância de guardar essa memória, seja em reportagens, vídeos e áudios rememorando momentos marcantes, seja em conversas pelas quadras e entrequadras desse nosso tempo vivo.

Essas experiências também permitem perceber a realidade mais crua e cruel dos tempos difíceis que atravessamos. Enquanto trocava uma ideia com uma babá da quadra, passou um homem pedindo informação. Precisava chegar ao antigo Cine Karim para fazer um exame. Não era a primeira vez que pedia ajuda. Outra pessoa o havia ignorado e apertado o passo assim que o viu. “Não é porque sou preto que sou bandido”, disse, decepcionado. Lamentei e pedi desculpas pelo cidadão que o tratou com tamanho desprezo. Que este ano decisivo ainda possa trazer momentos de felicidade para todos os que tanto precisam, dentro e fora das bolhas que habitamos.

CELEBRAÇÃO

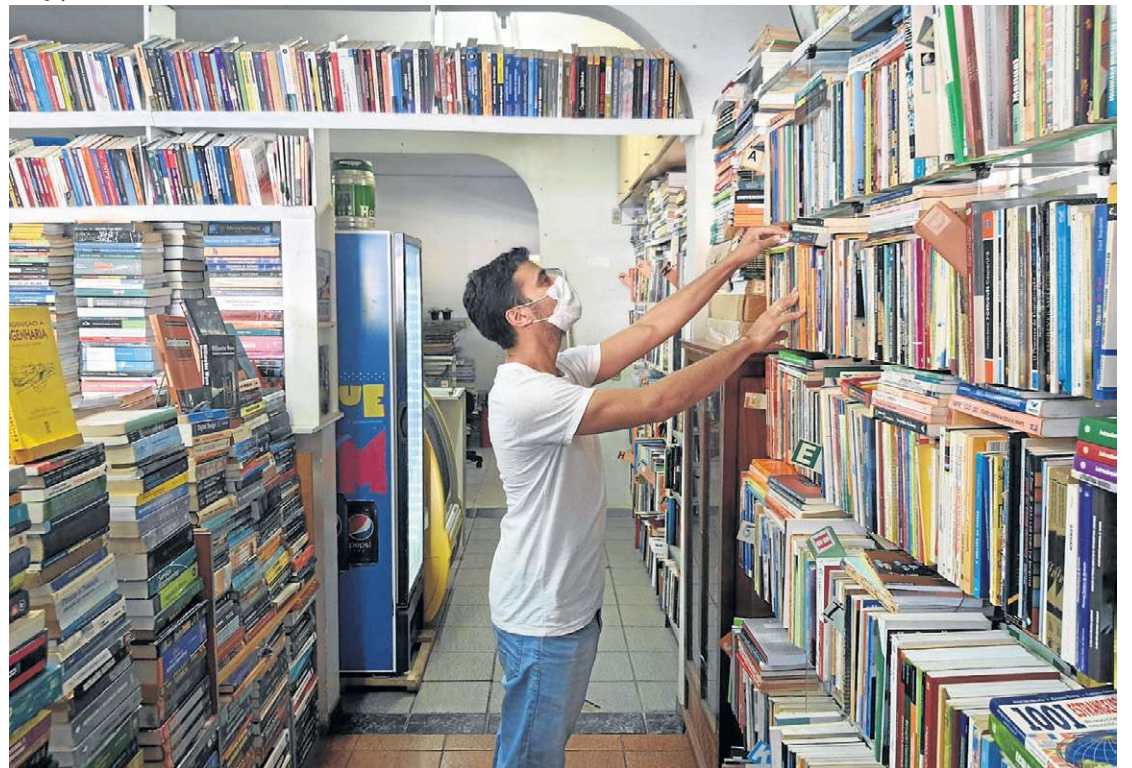
Hoje é comemorado o dia desses profissionais que ajudam leitores a encontrarem as obras do gosto de cada um. Apesar dos avanços das mídias digitais, milhares de brasilienses preferem sentir o contato com o papel proporcionado apenas pelos livros

Facebook/Reprodução



O Cope Sebo e Espaço Cultural tem uma clientela fiel, sempre em busca de algo de qualidade

Divulgação Correio



Wendell Alencar está herdando o amor da mãe pelos livros, a empresária Paula Alencar

Parabéns aos livreiros

» ARTHUR RIBEIRO*
» BERNARDO GUERRA*
» PAULO MARTINS*

A sensação de prazer ao terminar uma história, virar as páginas a cada novo capítulo e de apreciar a beleza das capas é inigualável. Apesar de perder espaço para mídias digitais, os livros mantêm seu valor e acumulam milhares de apaixonados. Hoje, 14 de março, se celebra o dia livreiro, o profissional que faz ligação entre as obras e os leitores.

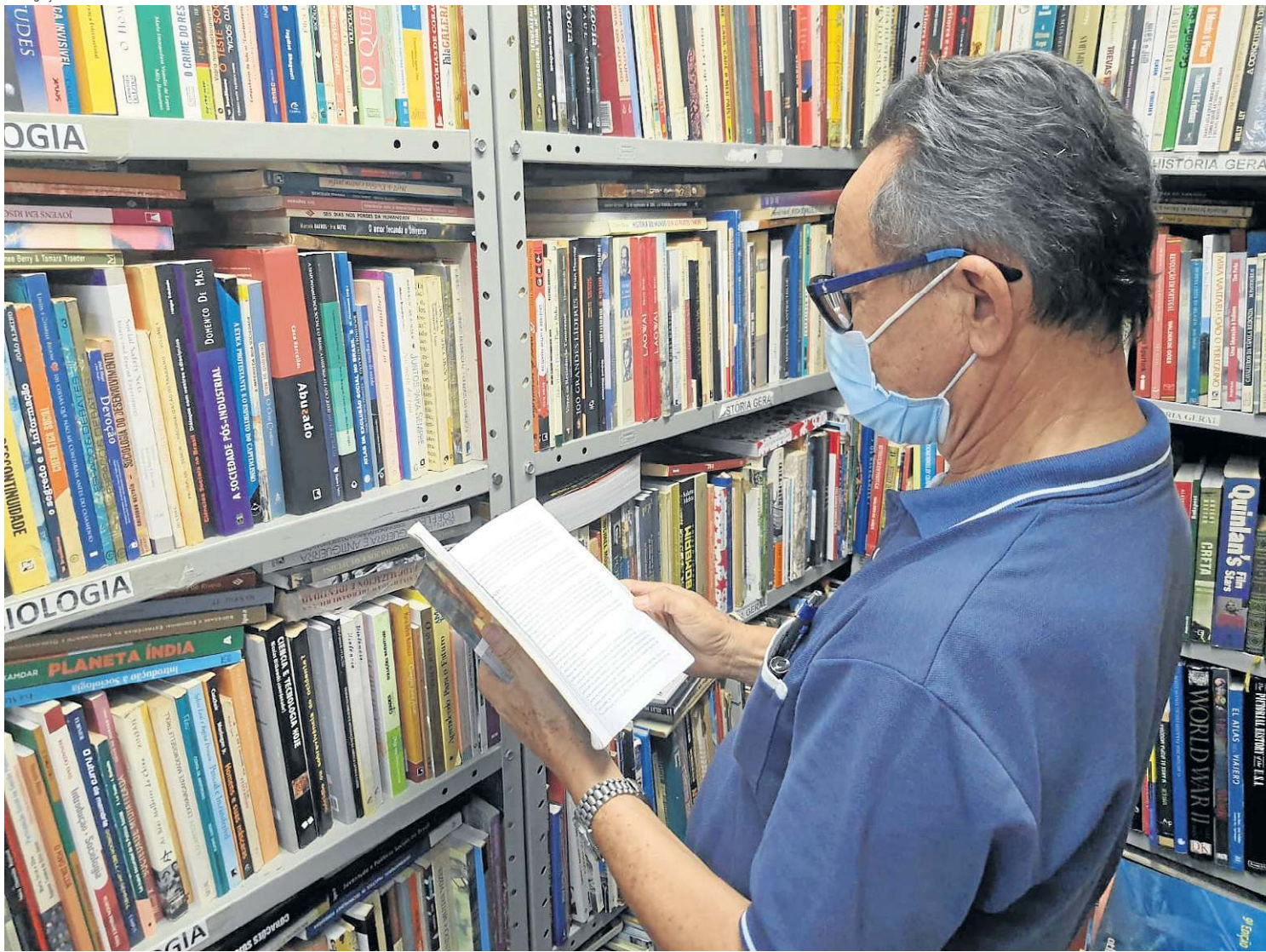
Desde os 19 anos atuando na área, Agostinho Marcelino, hoje com 64, é fundador da Só Livros. A trajetória começou em uma livraria dentro da Universidade de Brasília, uma das mais tradicionais da capital do país. A Nossa Livraria de Brasília. Íntimo dos livros, Agostinho fala com carinho daqueles que considera seus companheiros. “Eu gosto muito de conversar sobre livro, porque, além de ser cultura, é um amigo. Eu acho que todo mundo deveria ter o livro como amigo. Eles têm muito a nos ensinar. Tudo que eu aprendi foi com um livro. Muita gente fala como se fosse só uma mercadoria. Eu falo como se fosse um amigo. Então é uma paixão mesmo”, admite.

Para lidar com a concorrência e as mudanças nas tecnologias, o livreiro precisou se adaptar. Ele criou a Só Livros em 1998. Depois, se mudou para uma loja maior, a atual, localizada na 407 Norte. Entretanto, em 2009, com a popularização de outras livrarias, Marcelino começou a trabalhar com livros usados. Com isso, foi possível desenvolver um diferencial para o estabelecimento, que hoje conta com 90% de usados no acervo.

Ofício para a vida

Desde aquela época, ele usa a plataforma Estante Virtual para

Divulgação Correio



Agostinho Marcelino considera os livros como seus amigos. Ele começou a trabalhar como livreiro em uma loja na Universidade de Brasília

vender livros. O modelo, segundo Marcelino, é responsável por dar mais visibilidade à loja. “Não é que vende muito, ela ajuda, porque acaba divulgando o ponto. Quem entra lá (na Estante Virtual) vai buscar perto, aí, muitas vezes, aparece a livraria. De qualquer maneira, nós estamos sendo divulgados. A gente paga caro, é uma taxa fixa e mais uma comissão de 12%. E, ainda, tem mais a taxa do cartão e

o imposto. Então acaba ficando muito pesado, mas, de qualquer maneira, vende, por isso a gente se mantém lá”, explica.

Paula Alencar, 48, é dona da Cope Livros, com marido, e se diz muito grata pela função de livreira. A paixão vem de família, ela é nora de Petrucio Carvalho, engenheiro que fundou, há 25 anos, a livraria na qual ela trabalha. Dessa forma, Paula pretende seguir a tradição e passar este

amor para seu filho, Wendell, 26.

O jovem explica sobre a herança da matriarca e a reinvenção da livraria com a modernidade. “Minha mãe é uma influência direta, claro. O meio virtual toma muito espaço no mercado e tende a tomar ainda mais. Com isso, fica mais difícil para a gente. É necessário se adaptar, e estamos fazendo isso, mas não será uma tarefa fácil”, detalha Wendell Alencar.

Tecnologia

Paula avalia que o acesso fácil aos livros virtuais ofusca os exemplares físicos. Reflexo disso é a queda na procura das obras durante a pandemia. Ela teme que o abandono dos livros físicos e a falta de incentivo possa levar sebos e livrarias a fecharem as portas, como aconteceu nos momentos mais críticos da crise sanitária da covid-19.

Calendário

Datas que celebram a escrita e a leitura

12 de março:
dia do bibliotecário

14 de março:
dia do livreiro

2 de abril:
dia mundial do livro infantil-juvenil

18 de abril:
dia nacional do livro infantil

23 de abril:
dia mundial do livro

Do outro lado da bancada, Luca Lourenço, 19, tem uma relação de afinidade com sua livreira de confiança, Paula. “Sou muito amigo dela e passo por lá sempre que posso. Ela me recomenda livros que sabe que eu posso gostar, afinal, ela conhece meu gosto. Não só eu, como outros leitores passam por lá e são amigos, mais do que só clientes da Cope, justamente por essa relação de amor aos livros”, ressalta o rapaz.

Para Luca, os livros são um refúgio sem igual, sempre os carrega para onde vai, e eles o fazem sentir melhor. Até por isso, o jovem aconselha as gerações futuras a seguirem com o apego pelas obras físicas. “Particularmente, gosto do contato físico que o livro proporciona, o tato direto, o passar das páginas, tudo isso. Mas não vejo essa evolução de todo ruim, porque é de uma praticidade e uma portabilidade considerável, sem falar que as obras são mais baratas”, conclui o jovem.

* Estagiários sob a supervisão de Guilherme Marinho